



Objectivo 8

Manter a capacidade dos ecossistemas em prover bens e serviços e suportar a vida

Além de sol e mar, o país quer ecoturismo

O turismo de natureza está a crescer em Portugal. É um dos vários serviços que a diversidade biológica oferece. Conhecer o património natural é a melhor forma de o preservar. *Por Ana Rute da Silva*

● O hotel Vila Galé Albacora, no Parque Natural da Ria Formosa, não vai fechar portas no próximo Inverno. Será a primeira vez desde que foi inaugurado em 2000. O antigo arraial da pesca de atum e as velhas casas dos pescadores de Tavira estão transformados num hotel de quatro estrelas com cómodos quartos, mas para ficar no mapa dos turistas todo o ano.

Bruno Martins, director da unidade, percebeu que era preciso mais do que oferecer os habituais serviços de sol e mar: o hotel podia ser o trampolim para múltiplas actividades na natureza, receber o exigente ecoturista e dar a conhecer às famílias portuguesas que o Algarve é, por exemplo, um sítio privilegiado para a observação de aves.

Foi a ria Formosa, cujo parque natural é a segunda zona húmida mais importante de Portugal, que deu ao Vila Galé Albacora o que faltava para ser mais do que um empreendimento turístico concentrado na piscina, nas espreguiçadeiras e no serviço de quartos. A crise, diz Bruno Martins, fez a região olhar para dentro e perceber que o turismo de natureza pode ser a motivação secundária "e ajudar a fidelizar clientes fora da época alta".

A mudança de estratégia desta unidade hoteleira é apenas mais um sinal dos passos, ainda pequenos, que têm sido dados para mostrar Portugal como destino para os amantes da natureza. As potencialidades são imensas: 21 por cento do território é formado por áreas protegidas (Espanha tem apenas sete por cento) e, segundo o Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) - que consagra o turismo de natureza como um dos produtos estratégicos -, a taxa de crescimento estimada é de nove por cento ao ano, acima da média

internacional, que é de sete por cento. Portugal "parte de uma base muito reduzida e, por isso, o potencial de crescimento é maior e mais rápido que noutros destinos", considera o PENT.

Onze por cento do PIB mundial tem a assinatura da indústria do turismo e das viagens. O sector emprega 200 milhões de pessoas e, por ano, faz deslocar no planeta 700 milhões de viajantes, número que deverá duplicar em 2020. Cerca de nove por cento destas pessoas viajam porque querem conhecer património natural e é aqui, nesta equação de difícil equilíbrio, que se joga a preservação da biodiversidade.

A organização não-governamental *Conservation International* olha para a indústria como uma oportunidade e uma ameaça. A natureza e as actividades de aventura são um dos segmentos de maior crescimento e o turismo tanto pode ser um actor fundamental para a conservação, como uma temível ameaça, se

Têm sido dados passos, ainda pequenos, para mostrar Portugal como destino para os amantes da natureza



Compra sobretudo programas de Verão e em agências de viagens

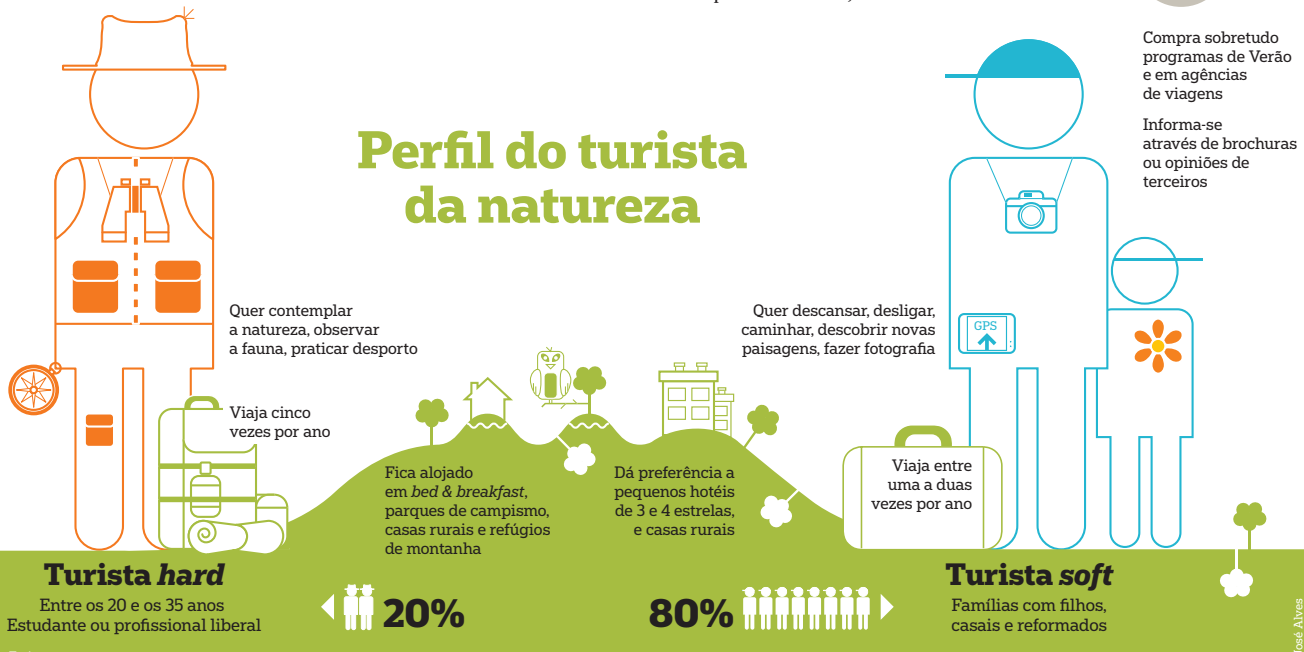
Informa-se através de brochuras ou opiniões de terceiros



Compra através da Internet ou associações especializadas

Informa-se através de revistas, clubes ou Internet

Praticante de actividades como rafting, caiaque ou hiking





Na Europa, fazem-se 22 milhões de viagens internacionais por ano motivadas pelo turismo de natureza

feito da forma errada. A discussão parece ter, entretanto, dado um passo em frente.

Dar a conhecer o património natural é a melhor forma de o preservar, defende Luís Patrão, presidente do Turismo de Portugal. E por cá “ainda não se estão a aproveitar todas as potencialidades nesse capítulo”. O sol e a praia ainda são os argumentos de maior peso junto dos turistas (nacionais e estrangeiros) e é também esta imagem que mais vende lá fora. Conhecer o património natural acaba por ser uma coincidência feliz durante a estadia.

Segundo o PENT, apenas quatro por cento dos visitantes vêm expressamente para conhecer a riqueza natural, mas para Luís Patrão o número é “enganador”.

“Se é verdade que não vêm por causa do turismo de natureza, a verdade é que este produto acaba por ser um complemento extraordinário das visitas que fazem ao país. Quem vem ao sol precisa que lhe seja proposto outro tipo de actividades”, disse, acrescentando que é preciso investir em sinalética, explicar melhor os fenómenos naturais e “dotar os parques de estratégia de visita”.

Calcular o potencial económico para Portugal da biodiversidade, enquanto produto turístico, “é difícil”, adianta por seu lado Luís Correia da Silva, consultor e ex-secretário de Estado do Turismo, no Governo de Durão Barroso. Em 2006, a sua empresa fez um estudo para o Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ICNB), no âmbito do Programa de Visitação e Comunicação dos Parques de Portugal, que previa até 2013 um aumento de visitantes nas áreas protegidas que existem em solo nacional.

Segundo o estudo, que serviu de base ao programa de visitação, haverá 822 mil pessoas que procuram nos espaços protegidos conceitos como o turismo de natureza. A procura potencial interna é de 2,7 milhões de visitantes por ano. De acordo com dados divulgados pelo ICNB - que não respondeu em tempo às questões enviadas pelo PÚBLICO - no ano passado 44.099 pessoas participaram em visitas guiadas em 24 áreas protegidas, 33 por cento das quais no Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, o mais importante repositório das formações calcárias do país. A Reserva Natural da Serra da Malcata só recebeu 30 visitantes em todo o ano. E a das Berlengas nenhum.

Os números referem-se aos turistas que usufruíram de visitas guiadas, mas são uma amostra do potencial ainda por explorar. “Nós temos um conjunto de parques únicos, perto das cidades, fáceis de aceder”, lembra Luís Correia da Silva, sublinhando que, independentemente da sua riqueza, funcionam ainda numa lógica de restrição.

Observação de baleias e aves é um bom negócio

Só nos Açores, há 25 empresas e 54 embarcações mobilizadas em torno dos cetáceos. Observar aves também é uma actividade em expansão. Nestes casos, a biodiversidade dá dinheiro

● Se há produto que em Portugal marca terreno, é a observação de baleias e golfinhos nos Açores e na Madeira. Domingos Leitão, coordenador do programa terrestre da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), diz mesmo que o programa de turismo de natureza dos Açores é o único bem enquadrado na legislação e devidamente promovido. “Não fazia mal nenhum olhar para o exemplo dos Açores.”

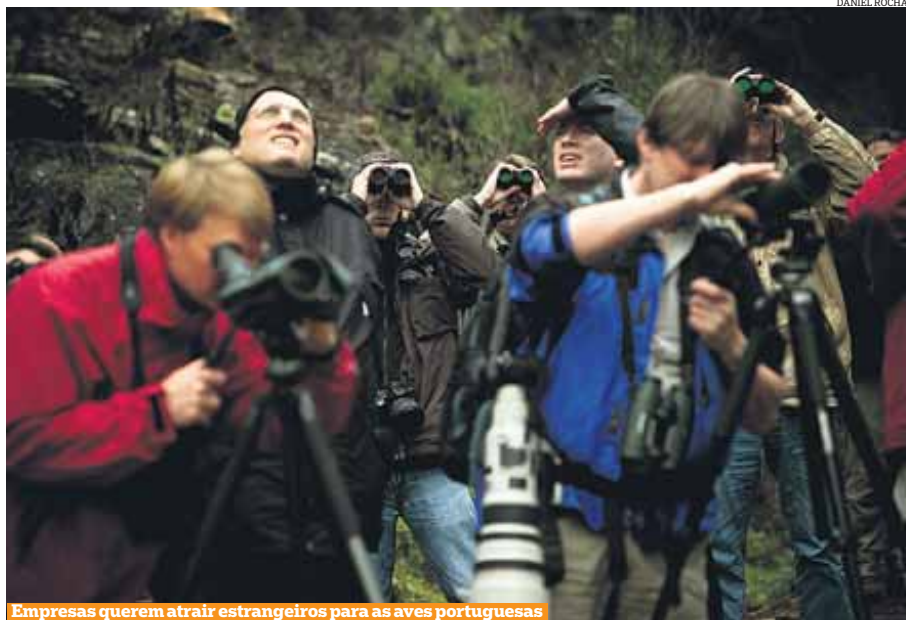
Em Portugal, o Fundo Internacional para o Bem-estar Animal estima que a observação de cetáceos tenha criado receitas directas e indirectas de 15 milhões de euros. Só da venda de bilhetes nos Açores e na Madeira, somam-se 2,9 milhões, diz outro estudo, liderado pela bióloga Marina Sequeira, do Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade.

Nos Açores, foram feitas 50 mil saídas em 2008 e, segundo Miguel Cymbron, director regional do Turismo dos Açores, há 25 empresas que se dedicam à observação de cetáceos, com 54 embarcações. O negócio começou a ser explorado por estrangeiros e as ilhas foram consideradas as segundas melhores do planeta para o turismo sustentável pela revista norte-americana *National Geographic Traveller* e o terceiro melhor destino do mundo para a observação de cetáceos pelo jornal britânico *The Telegraph*. A proibição da caça à baleia fez, de muitos pescadores, vigias que colaboram com as empresas turísticas.

Cliente exigente

Com os portugueses ainda a despertar para o turismo da natureza, as estratégias de promoção devem centrar-se nos mercados estrangeiros, defende Domingos Leitão. Este turismo das aves, dos cetáceos, da geologia e da flora exige qualificação e informação credível. O cliente é exigente, com poder de compra, não se ilude com a natureza descaracterizada. “A qualidade não é só intrínseca da biodiversidade. É do produto, da informação que se presta”, afirma.

Outro nicho de mercado em crescimento é da observação de aves, que leva, por exemplo, 48 milhões de norte-americanos e 2,4



Empresas querem atrair estrangeiros para as aves portuguesas

milhões de ingleses a saírem de casa. A SPEA tem três mil sócios e o número de portugueses que se dedicam a esta actividade não deve superar os cinco mil. Encontrar informação sobre as espécies que se podem ver em Portugal não é fácil, mas regiões como o Algarve ou o Centro despertaram recentemente para o fenómeno.

Para chegar aos clientes estrangeiros, o Vila Galé Alcabora e duas agências de animação turística algarvias, a Lands e a Formosamar, partilharam os custos de uma *stand*, viagens e despesas para estarem presente na Feira Internacional de Turismo Ornitológico (FIO), que decorreu no final de Fevereiro no Parque Nacional Monfragüe, na Extremadura espanhola. As três empresas estão a trabalhar em parceria para captar mais clientes, vender o Algarve da paisagem ainda protegida e conseguir ultrapassar a barreira da sazonalidade.

“A comunicação para o exterior ainda não é fácil”, admite Bárbara Abelho, 33 anos, gerente da Lands, justificando as vantagens da parceria. Monfragüe é um dos pontos privilegiados para a observação de aves em Espanha e conseguir atrair os turistas para

Números

2,7 milhões

Procura potencial, em número de visitantes, de ecoturismo e turismo da natureza em Portugal

822 mil

Pessoas que buscam o conceito de ecoturismo nas áreas protegidas portuguesas

42.860

Participantes de visitas guiadas nas áreas protegidas portuguesas em 2009

15 milhões

Receitas, em euros, geradas pela observação de cetáceos em Portugal

9%

Taxa de crescimento anual do turismo da natureza no país

4%

Porcentagem de turistas que visitam Portugal motivados pelo património natural

este lado da fronteira também é fundamental para os operadores.

Mas há outro desafio para quem quer fazer negócio com turismo da natureza: disputar um mercado ainda reduzido com empresas sem licença ou guias particulares que levam os turistas em circuito paralelo e sem fiscalização.

“É difícil, quando a maior parte da oferta é ilegal”, diz Ricardo Barradas, que fundou a Natura Algarve. Luís Patrão, presidente do Turismo de Portugal, que regula a actividade do sector, tem dúvidas quanto à existência de um número expressivo de empresas ilegais e diz que a nova legislação, em vigor desde o ano passado, já permitiu legalizar mais de 600 empresas de animação turística.

De norte a sul, a preservação da biodiversidade passa pelo grau de informação dos visitantes. Organizações não governamentais, como a Liga para a Protecção da Natureza, a SPEA e a Quercus são fundamentais para divulgar o património ambiental, diz Ricardo Barradas. Dar o impulso que falta ao turismo de natureza em Portugal passa por unir os interesses económicos com a consciência ecológica. A.R.S.